

## APRESENTAÇÃO

**NO ENTREMEIO DOS DISCURSOS DE AFIRMAÇÃO POLÍTICA:  
O SUJEITO E AS OBRIGAÇÕES DE VERDADE**

*[...] a subjetividade não é concebida a partir de uma teoria prévia e universal do sujeito, não é relacionada com uma experiência originária ou fundadora, não é relacionada com uma antropologia que tenha um valor universal. A subjetividade é concebida como o que se constitui e se transforma na relação que ela tem com sua própria verdade. Não há teoria do sujeito independente da relação com a verdade.*

*Michel Foucault. Subjetividade e Verdade.  
Aula de 17 de janeiro de 1981 (p. 13).*

Não há teoria do sujeito independente da relação com a verdade. A repetição é propositalmente necessária na medida em que nos lançamos à problemática do sujeito, considerando-o não apenas a partir de seus movimentos e rotas, mas sobretudo, entendendo sua constituição como riqueza atrelada ao espaço intervalar dos discursos e das práticas políticas do tempo presente. Igualmente indispensável é entendermos que tal problemática nos direciona para a reflexão sobre a multiplicidade das formas de *ser sujeito*, isto é, tratar dos discursos, das verdades e dos sentidos que nos fazem ser o que nós somos hoje.

É, portanto, sob o viés da investigação linguística que podemos incutir um olhar atento à evidência e à minúcia das coisas ditas, tornar cada vez mais possível a relação da língua com a sua colocação social, cultural, política, econômica, ideológica. A investigação científica é o capital de que dispomos para questionar, pôr em suspenso, relativizar, discutir, mensurar o que baliza as nossas ações no mundo e, para além disso, a forma como agimos em função dos acontecimentos. Somos sujeitos do hoje, do agora, mas as nossas bases estão alimentadas num *apriori* que é histórico, perene.

É nesta perspectiva que a Revista Saridh - linguagem e discurso vem dar sua contribuição. Os textos relacionados nesta edição (v.4, n.2 - 2022) ratificam a atenção do pesquisador aos muitos espaços em que somos convocados a assumir nossa posição de sujeito e, dessa forma, viver nossa subjetividade, nossa relação com a verdade. Aqui, o leitor é, então, convidado a apreciar importantes falas sobre o nosso lugar no mundo, quer seja a

partir do detalhe de um recorte de pesquisa que evidencia a língua em funcionamento, apreendida na produtividade de sua estrutura, quer seja na discussão sobre os sentidos e práticas que nos fazem reagir, (des)obedecer, estar em confronto com determinados saberes e poderes. Os textos aqui dispostos acenam, todos eles, com o objetivo de nos fazer ler, de modo crítico e epistemologicamente embasado, objetos de grande relevância sobre as mídias, sobre o ensino e à educação, sobre a gestão política, sobre a vivência em sociedade em tempo de pandemia.

Ao ratificarmos a posição de que não somos, enquanto sujeitos, dados à uma teoria prévia, universal, fundante e fundamental, é preciso reconhecer a pesquisa como instrumento que nos permite enxergar a complexidade de nossa posição de agentes e, principalmente, das verdades a que estamos ligados. A pesquisa nos apresenta ao mundo e à sociedade na inteireza de sua amplitude e os textos ordenados nesta edição da Revista Saridh tocam diretamente na relação entre sujeito e mundo. Mais do que lançar luz a importantes questões e problemáticas, tais produções - editorial, entrevista, relato de experiência, artigos - enfatizam a necessidade de um olhar crítico e incisivo sobre as problemáticas sociais, neste caso, um especial destaque para aquelas vinculadas à seara da investigação linguística tomada no universo das letras. O convite está feito, a leitura em andamento.

Antonio Genário Pinheiro dos Santos  
Editor-gerente